

CONFLITOS E ALIANÇAS ENTRE ÍNDIOS GUARANI, JESUÍTAS, BANDEIRANTES E ENCOMENDEIROS NO ITATIM.

Neimar Machado de Sousa (UCDB)

RESUMO: Esta comunicação tem por objeto as missões jesuíticas, especificamente, aquelas que se estabeleceram no Itatim. Nesta região, os jesuítas foram os arautos do colonialismo europeu ao estabelecer suas reduções entre 1631 e 1659: Santo Inácio de Caaguaçu e Nuestra Señora de la Fé. A perspectiva da pesquisa passa por breve análise da bibliografia já produzida sobre este tema e pelo estudo da documentação colonial como elementos que podem esclarecer pontos importantes sobre os embates entre a colonização portuguesa e espanhola nesta região fronteiriça e o papel das populações indígenas diante das tensões que vieram à tona com a restauração no século XVII. Uma história do Itatim, sob esta ótica inclui ainda o estudo dos conflitos internos que aconteciam nas aldeias devido às inúmeras parcialidades étnicas presentes na região. Outra possibilidade de abordagem centra seu foco sobre a ação catequética da Companhia de Jesus e a resistência indígena organizada pelos xamãs, além da disputa entre encomendeiros, bandeirantes e colonos pela mão-de-obra indígena além de outros fatores que também impulsionaram os ataques às estas missões.

PALAVRAS-CHAVE: Itatim, Guarani Colonial, Xamãs, Colonialismo.

Introdução

Este texto trata de um aspecto da História da região do Itatim como o palco onde se desenrolou uma trama entre os Índios Guarani, Guaná, Guaicuru, e as relações com as frentes de expansão da fé pós-tridentinas luso-espanholas e as expedições escravistas tanto de São Paulo como de Assunção. Os embates, nesta região, ocorreram no período compreendido entre a destruição das missões jesuíticas do Guairá (1628) e a destruição das missões do Itatim (1659) com o deslocamento de grande contingente indígena para a região

abaixo do rio Apa e a fuga de muitos outros para as matas de difícil acesso na região do rio Brilhante e Serra de Maracajú, entre 1630 e 1670, aproximadamente.¹

O topônimo Itatim está presente na literatura desde o século XVI e surgiu do entrechoque entre os colonos de Assunção e os índios nos vários portos naturais próximos à desembocadura do rio Miranda no rio Paraguai. Geograficamente, o Itatim é limitado ao norte pelo rio Taquari, ao sul pelo rio Apa, a leste pela Serra de Maracajú e a oeste pelo rio Paraguai. Atualmente, encontra-se dentro do estado de Mato Grosso do Sul.²

Há também um Itatim imaginário, morada de pagãos e demônios a espera dos soldados da Companhia de Jesus para lutar pelas almas dos índios.³ O missionário Antônio Ruiz Montoya relata em seu livro *Conquista Espiritual* um sonho no qual anjos e demônios lutavam pelas almas dos fiéis. Na sua opinião, estes anjos eram os missionários jesuítas. Também era corrente entre os jesuítas relatos dando conta que local da província do Paraguai fora indicado por Deus ao superior da Companhia em Roma. Tais elementos são esclarecedores para entender as motivações que traziam estes europeus para as terras americanas. O Itatim era terra de pagãos e infiéis. Uma vez que os índios recusavam a conversão convertiam-se em infiéis, aqueles que tendo a oportunidade de converter-se não o fazem. É preciso ressaltar que a proposta de conversão geralmente era feita em espanhol para índios que não falavam esta língua porque não lhes era ensinado.

Para entender os conflitos no Itatim

No período colonial, os índios infiéis não contavam com a proteção legal das reduções e podiam ser escravizados, uma vez que os métodos “brandos” dos jesuítas não funcionavam, eles podiam ser submetidos a métodos mais duros sob o regime de *encomienda*. Sob este regime, os índios tinham de prestar todo tipo de serviço aos colonos ou ficar à sua disposição em verdadeiras reservas de mão-de-obra, os *tava* ou *pueblos*, próximos às cidades. A *encomienda* era uma espécie de contrato bem vantajoso para o colono cujas obrigações eram a alimentação, a vestimenta e a catequese do indígena que,

em troca de todos estes benefícios, tinha de prestar todo tipo serviço ao encomendeiro. Nesta perspectiva, o encomendeiro era transformado num agente civilizador.⁴

A perspectiva deste trabalho inclui olhar para as inúmeras imagens resultantes do contato entre índios e europeus retratados nos textos referente às missões do Itatim e seus arredores e tentar relacionar como estas imagens influenciaram no impacto que a conquista teve para os índios. A chave de leitura consiste em ler a documentação colonial a partir do enfoque dado pelos autores coloniais representavam as lideranças indígenas, como foram atingidas pela conquista, como reagiram contra ou a favor e quais foram as práticas de incorporação ao modo de ser europeu.⁵

As tentativas de transformação ou civilização dos índios no Itatim teve um impacto direto sobre as condições materiais de vida nesta região, pois uma boa parte dos homens das aldeias eram retirados para o trabalho do ervais, os territórios onde os índios podiam caçar e coletar ficaram mais restritos além de falta mão-de-obra devido a obrigatoriedade de produzir excedentes para o mercado em detrimento da economia interna das aldeias.

As principais fontes disponíveis sobre o Itatim são as produzidas pelos conquistadores, missionários, historiadores e viajantes. Estes documentos contam a história da conquista, do conquistador e tentam informar sobre os conquistados, mas através deles é possível perguntar sobre a história dos índios aos quais se negou, durante muito tempo, o direito à história. A história de populações (ou de épocas) 'sem história', ou pelo menos sem textos, já não se afigura hoje como uma impossibilidade, mas como necessidade, tal é o caso dos indígenas.⁶ Esta necessidade está relacionada com o sentido que a história pode adquirir ao contar a riqueza da vida e das sociedades em suas diferenças e paradoxos.

Para saber mais sobre a história dos índios precisamos começar pelos costumes e a cultura dos índios. Sem um diálogo com outras ciências sociais, esta tarefa fica muito difícil. Além disso, faltam conhecer com mais detalhes algumas regiões como o Itatim, nem sempre abordado nos estudos tradicionais que privilegiam as missões do Guairá, Uruguai e Tape. A importância do estudo das missões jesuíticas e seu impacto sobre o modo-de-vida dos Guarani resulta da grande quantidade de fontes jesuíticas sobre os índios do século

XVII e a possibilidade de usar estas fontes para valorizar o passado indígena, espanhol e missioneiro do atual Mato Grosso do Sul, além de permitir mapear quem eram e onde estavam os índios quanto ocorreu o contato nas terras do Prata.⁷

Os séculos XVI e XVII foram marcados pelas conquistas e pelos conquistadores e pelo contato entre os imaginários europeus muitas vezes reproduzidos na documentação como se fosse indígena e americano.⁸ As navegações oceânicas e fluviais, como é o caso do rio da Prata e Paraguai, incluíram o Itatim e seus índios na rota dos conquistadores e o impacto da conquista sobre eles foi a redução da mão-de-obra indígena e o comprometimento da reprodução de seu modo-de-vida. Foi Domingos Martinez de Irala quem estendeu a conquista castelhana em terras paraguaias sob o reinado de Felipe II antes da fundação de reduções entre os Itatines, ainda em 1596.

A conquista do Guarani, chamada de espiritual pelo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, foi levada a cabo por soldados munidos de cruz e espada abençoados pelo beneplácito do Estado espanhol de Felipe III. A fundação das reduções jesuíticas na região do Itatim (1631) marcou o início das lutas entre encomendeiros espanhóis, bandeirantes lusitanos e jesuítas espanhóis pela alma e mão-de-obra dos índios itatines. O resultado está na depopulação, na Guerra e na fome entre os índios que, originalmente, não dependiam das vacas das missões religiosas.

Sob o absolutismo dos Bourbons, no século XVII, continua o interesse pelas terras americanas, preservava-se a evangelização e se intentava o enfraquecimento das ordens religiosas, notadamente os jesuítas cujas missões viveram um período de crise entre 1700 e 1708. A política de reduzir índios continuava interessante neste período porque tinha o intuito de garantir o abastecimento de soldados, trabalhadores e liberava territórios para os colonos além de permitir o estabelecimento de povoados como é o caso de San Tiago de Xerez, na região do Itatim. Nesta fase, porém as missões do Itatim já haviam sido preadas pelas bandeiras lusitanas e os sobreviventes se deslocaram para uma região abaixo do rio Apa e mais próxima do socorro militar de Assunção ou para protegê-la dos mamelucos de São Paulo, segundo expressão corrente na época. Os Itatines, como eram designados

todos os índios da região do Itatim, serviam como milicianos da coroa em troca da isenção do tributo do peso anual, daí temos também a necessidade das missões em comercializar a erva-mate para garantir o pagamento de impostos coloniais e garantir a liberdade dos índios da *encomienda*.

Os bandeirantes também estiveram no Itatim e sua atuação foi centralizada na figura de Raposo Tavares. Após a destruição das missões na região, o passado espanhol e a resistência indígena aos espanhóis e portugueses foi omitido na pena de historiadores comprometidos com o serviço à coroa portuguesa e suas pretensões territoriais sobre esta região concretizadas com o Tratado de Madri (1750).⁹

A motivação dos bandeirantes estava relacionada aos escassos recursos materiais e a vida econômica restrita. Suas ações entre os itatines se orientavam no sentido de obter o máximo de lucro e aproveitar as oportunidades de lucros passageiros e rápidos que a economia colonial eventualmente oferecia e a distância de tribunais permitia. No caso da escravização dos itatines e o ataque às missões temos uma alternativa econômica à agricultura. De todo modo, a ação do encomendeiro espanhol não diferiu muito daquela levada a cabo pelo bandeirante. Neste caso temos uma pista importante para entender a resistência armada oferecida pelos índios do Itatim a ambos os grupos.

Sobre a resistência armada no Itatim temos a luta entre os jesuítas e o bispo de Assunção pelo controle paroquial das missões e a proibição do bispo para que os índios possuíssem armas nas missões, o que certamente deixava temerosos os espanhóis e por outro lado implicava na fragilidade das missões frente aos bandeirantes. Os jesuítas também tomaram parte na organização da resistência indígena ao espalhar espiões pelas matas próximas às reduções e planejamento de emboscadas para subtrair os índios escravizados pelas bandeiras.

Há um fator que precisa ser considerado também que é a belicosidade dos índios. A palavra Guarani inclusive significa guerreiro. Os índios do Itatim praticavam o comércio com os Chiriguana, seus parentes, mas a guerra contra os outros índios não-guarani da outra margem do rio Paraguai.

Tendo em vista as incursões escravistas em suas terras é que podemos analisar a aliança celebrada entre os itatines e os missionários fornecedores de armamentos, carne, cunhas e anzóis. Se por um lado estes itatines viram nos jesuítas um aliado contra encomendeiros e bandeirantes, pelo outro resistiram à tentativa dos missionários de combate aos costumes não-cristãos e neste contexto, destaca-se a figura do xamã, como líder da resistência cultural e da socialização dos índios por meio do aprendizado das tradições.

Com a destruição das missões somente alguns poucos índios abandonaram a região do Itatim em direção ao atual Paraguai. Na época das missões, nem todos os itatines viviam nos povoados, mas junto de suas parentelas nos arredores das missões e ali permaneceram após a retirada dos missionários. O fato de não permanecerem dentro das missões denota uma resistência às práticas catequéticas dos missionários e uma articulação com os residentes nas missões por meio do comércio constante que, entre os itatines, já havia antes da chegada dos castelhanos e missionários.

O que chamou a atenção de colonizadores como Irala, Cabeça de Vaca e outros foi a grande quantidade de artigos de prata entre os itatines o que os levou a acreditar na existência de minas nesta região. Sabemos que as peças de prata provinham das fronteiras do Império Inca onde também havia índios Guarani, os Chiriguana. Os Chiriguana eram intermediários entre os Incas e os itatines.

Após este contato, na primeira metade do século XVI, o território do Itatines passou a ser conhecido em Assunção como porto do Itatim (palavra de origem guarani, porto pedregoso ou de pedras brancas). O termo *itatines* é uma derivação da região Itatim, gentílico utilizado desde então para designar os índios que habitavam essa região. Desde então, a frente espanhola avançou na região através da fundação de vilas como a de *San Tiago de Jerez*.¹⁰

A colonização não é somente implantação de povoados e missões, mas traz além de inovações tecnológicas, língua, costumes, religião, etc. uma carga invisível de doenças e intolerância.¹¹ O peso desta carga invisível fez-se sentir sobre a população Guarani dos

arredores de Assunção já na segunda metade do séc. XVI e a instável acomodação entre colonos e índios por meio do cunhadismo cedeu lugar à escravidão o que causou depopulação entre os índios e, conseqüentemente, maior dependência dos índios e também aumento da fome.

A depopulação dos Guarani de Assunção levou o adelantado (adiantado, civilizado) a realizar *encomiendas* entre os Itatines em 1596 e este foi um dos motivos que levou os Guarani a permitir a instalação das reduções jesuíticas em seu território.¹²

A instalação destas missões ocorreu logo após os ataques dos bandeirantes e a destruição das missões do Guairá. Os primeiros neófitos índios que vieram para o Itatim eram oriundos das Missões do Guairá e tinham a finalidade de ajudar no projeto jesuítico de instalação da nova frente missionária.

Os índios do Itatim, por sua vez, sentiam a pressão dos encomendeiros espanhóis da região de Assunção que agora estavam instalados nas redondezas no povoado de San Tiago de Xerez, próximo ao rio Miranda e dentro do Itatim. Isto ocasionou um impacto no equilíbrio entre as forças políticas internas na região.

Dentro do Itatim, havia vários caciques influentes e a região não era nada homogênea. Entre 1630 e 1650, os dois principais eram Diego Paracu que se aliou aos jesuítas após a primeira invasão em 1632 e Ñanduabuçu, xamã, que viu nos jesuítas uma ameaça ao modo de ser dos índios.

As bandeiras, que já haviam atacado e destruído os empreendimentos missionários na região do Guairá logo, atacaram também as aldeias do Itatim, elemento que precipitou a fundação de duas reduções em 1634 e aí permaneceram até 1659, quando os moradores das missões desceram até a região de Assunção onde estavam localizados outros povoados. Esta descida para além do rio Apa ocorreu por motivos de defesa diante das malocas, ou expedições escravistas.

Diante deste breve painel, podemos verificar outras possibilidades de análise da história das missões ou dos índios que viviam nestas reduções como agricultores, construtores, rezadores e guerreiros em conflito com o entorno.

-
- ¹ Cf. SOUSA, N. M. **A redução de *Nuestra Señora de la fe* no Itatim: entre a cruz e a espada (1631-1654)**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Dourados, 2002. Dissertação de Mestrado.
- ² Cf. CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. (Manuscritos da Coleção De Angelis). II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional – Divisão de Publicações e Divulgação, 1951.
- ³ Cf. SOUSA, N. M. **A redução de *Nuestra Señora de la fe* no Itatim: entre a cruz e a espada (1631-1654)**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Dourados, 2002. Dissertação de Mestrado.
- ⁴ Cf. CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. (Manuscritos da Coleção De Angelis). II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional – Divisão de Publicações e Divulgação, 1951.
- ⁵ Cf. GADELHA, R. M. A. F. **As Missões Jesuíticas do Itatim: um modelo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- ⁶ Cf. CUNHA, M. C. (Org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras/SMC, 1992.
- ⁷ Cf. CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. (Manuscritos da Coleção De Angelis). II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional – Divisão de Publicações e Divulgação, 1951.
- ⁸ Cf. COSTA, M. F. **História de um País Inexistente: O Pantanal entre os Séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Kosmos, 1999.
- ⁹ Cf. BECKER, I. I. B. **Lideranças Indígenas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1992.
- ¹⁰ Cf. SUSNIK, B. **Etnografia Paraguaya**. I. Manuales del Museo Etnografico "Andres Barbero". Asunción, 1974.
- ¹¹ Cf. SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Bolyeim 188, Antropologia 4, 3. ed. São Paulo: Edusp, 1974.
- ¹² Cf. BECKER, I. I. B. **Lideranças Indígenas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1992.